

**AJOELHO NÃO PODE REZAR:
LAICIDADE, RELIGIÃO E CIBERCULTURA**

YOU KNEEL BUT CAN'T PRAY: LAICITY, RELIGION AND CYBER CULTURE

Rogério Fernandes da Silva¹

Resumo: Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado onde temas sobre laicidade e religião foram predominantes. A metodologia foi a utilização de dois textos online de um jornal de grande circulação para exemplificar como está estabelecida a discussão do Estado laico na Internet. Essas duas fontes servem como uma pequena amostra. Em 2012, foram feitas duas colunas online na Folha de São Paulo que demonstraram intolerância a determinada manifestação religiosa pública e repercutiram nas redes sociais. Neste caso, a reação negativa dos colunistas foi à oração do pai-nosso da seleção brasileira de vôlei feminino na Olimpíada de Londres. O momento religioso foi visto como uma afronta ao Estado laico. Então, através deste episódio, podemos refletir sobre a mudança no campo religioso brasileiro e os novos atores que surgiram diante do avanço da secularização em alguns segmentos da sociedade. E neste caso, aparentemente, a discussão sobre Estado laico, fora da academia, é embrionária e superficial.

Palavras-chaves: Laicidade; Ateísmo; Religião; Política; Conflito.

Abstract: This article is the result of the master's research where topics on secularism and religion were prevalent. The methodology was the use of two online texts of a major newspaper to illustrate how the discussion of the secular state is established on the internet. These two sources serve as a small sample. In 2012 Folha de São Paulo published two online columns that demonstrated intolerance to public religious expression and caused repercussion on social networks. In this case, the negative reaction of the columnists was directed to the Brazilian National Team of Women's Volleyball that recited the Lord's Prayer at the London Olympics. The religious moment was seen as an affront to the secular State. Then this focus we can reflect on the change in Brazilian religious field and the new actors who appeared with the advance of secularization in some segments of society. And in this case it seems like the discussion of secular State, outside the Academy, is embryonic and superficial.

Keywords: Secularism; Atheism; Religion; Policy; Conflict

¹Mestre em Ciências da Religião pela PUC – SP. prof_rfernandes@yahoo.com.br
[revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 27, 2016]

1 Introdução

Este trabalho reflete sobre a intolerância antirreligiosa e como ela acontece num dos meios modernos de comunicação, a Internet. O artigo nasceu de uma percepção pessoal, dentro da pesquisa da dissertação de mestrado, a respeito do conceito de laicidade como este se apresenta pelo movimento neoateísta na Internet. Com esse movimento, vemos manifestações antirreligiosas frequentemente. Para o autor deste artigo, o conceito de laicidade não é bem entendido pelo público leigo, sendo utilizado para mascarar posições antirreligiosas.

A sociedade brasileira passa por uma transformação no que se refere ao lugar das religiões nos espaços públicos e as redes sociais são o grande palco em que se pode observar isso. Apesar da hegemonia do pensamento religioso ser pouco contestada na história do Brasil, podemos observar uma tensão socioreligiosa nos meios virtuais.

A sociedade brasileira durante séculos foi dominada pelo sentimento religioso, embora houvessem momentos que hora ou outra a posição da religião era contestada, principalmente a hegemonia do catolicismo. Com a implantação da república, grupos positivistas passaram a ter posições anticlericais e por vezes anticristãs. Não é no hino brasileiro que a Pátria deveria ser idolatrada em lugar de Deus? A letra de nosso hino é uma ode positivista.

Com o processo de industrialização brasileira do início do século passado, novos atores sociais surgiram. Os imigrantes traziam ideias anarquistas e marxistas que obviamente negavam o poder clerical e a figura de Deus. Contudo, a não-crença em Deus foi sempre marginal na sociedade, algo pessoal, de foro íntimo, e não tivemos grupos organizados como em outros países de sociedades ateístas. Entretanto, na última década do século XX, começaram a surgir no país grupos ateus que se organizaram como entidades. Esses novíssimos grupos são reflexos das mudanças na sociedade brasileira e no Ocidente, que no processo de desencantamento deixa de lado a religião, que se torna mais subjetiva e íntima e agora é desvinculada das instituições tradicionais religiosas. Novos confrontos acontecem com o desabrochar desses grupos.

Esses confrontos antirreligiosos têm menor visibilidade social e são pouco discutidos academicamente além de serem, geralmente, muito vinculados à rede mundial de computadores. São perceptíveis somente a usuários frequentes e admiradores e opositores. Entre essas posições antirreligiosas, podemos apresentar vários grupos seculares, destacando o grupo neoateu. A partir do ano de 2006, houve o crescimento de um movimento internacional

que partiu de grupos ateístas americanos e ingleses, impressionados com os ataques de 11 de setembro, causados por fundamentalistas islâmicos.

O neoateísmo vem se destacando no “front” antirreligioso. Muito em razão dos *bestsellers* lançados pelas suas principais vozes, o que fez com que o discurso se democratizasse e chegasse às esferas sociais mais diversificadas, como nos comentários do Youtube. Essa antirreligiosidade se espalhou através da Internet e criou blogs, entrou em redes sociais e criou comunidades no Facebook e Orkut. O neoateísmo é um movimento recente, caracterizado pelo combate a uma religião estabelecida, principalmente às de matrizes abraâmicas. Clarissa De Franco define o neoateísmo dessa maneira:

1) características de movimento social; 2) estado secular que dá proteção e força aos ateus, relegando os religiosos para lugar da obsolescência; 3) passagem do paradigma filosófico para o científico na defesa do ateísmo, com penetração pelo senso comum; 4) cenário de terrorismo religioso, que assustou o mundo com mais intensidade desde 11/09/2001, e 5) Internet, que possibilita a formação de redes e o espraiamento das ideias ateístas, focando no público jovem (DE FRANCO, 2014, 13).

Para a autora, o papel da Internet é importante. Têm surgido diversas contestações antirreligiosas motivadas por influência do grupo neoateu, porém, é impossível classificar todos os grupos seculares da sociedade como apenas neoateus. Contudo, percebemos um aumento das manifestações antirreligiosas influenciadas por eles. Hoje, num mundo extremamente conectado, com rapidez de informação, a influência das redes sociais é visível, seja para trocas de informações, organização de eventos de oposição ou divulgação política ou recreativa. Essa influência é percebida conforme se nota que os discursos acabam ficando muito parecidos.

2 Uma reflexão sobre o papel das manifestações religiosas e o secularismo

Um caso curioso e exemplar de como grupos seculares procuram patrulhar as manifestações religiosas foi o das Olimpíadas de Londres. No dia 11 de agosto, nas Olimpíada de Londres de 2012, as jogadoras do time brasileiro de vôlei ganharam a medalha de ouro. As atletas, comandadas pelo técnico José Roberto Guimarães, venceram os Estados Unidos por 3 sets a 1. Depois de uma campanha irregular nas olimpíadas e de um início complicado na partida final, a seleção de vôlei venceu a decisão. Logo após a vitória, as jogadoras e a comissão técnica se reuniram e rezaram um Pai-Nosso. A imagem da manifestação religiosa correu o mundo. Logo sugeriram manifestações contrárias.

[revista *Último Andar* (ISSN 1980-8305), n. 27, 2016]

Na sociedade ocidental atual, a religião deve ser de foro privado, não deve ser manifestada no espaço público. Logo vêm críticas de que as manifestações religiosas ferem a laicidade e tal argumento é usado o tempo todo. Laicidade não quer dizer que as religiões e suas manifestações sejam proibidas de se expressar. O constante uso do conceito de laicidade acaba por mascarar atitudes antirreligiosas.

A laicidade é um termo simples, mas com fronteiras difíceis de serem definidas. Por definição clássica, visa à separação política do Estado e das igrejas (RANQUETAT, 2008, p. 5). Entretanto, as fronteiras mudam conforme a cultura e o país. Por isso, o termo laicidade é considerado por alguns militantes como uma maneira de excluir a religião da cultura e acaba servindo para impedir manifestações religiosas. O exemplo da oração pública do vôlei serve para demonstrar como o discurso antirreligioso se apresenta nos meios de comunicação modernos atuais. Os dois artigos dos colunistas de jornal apresentados neste artigo servem para mostrar como o termo laicidade se popularizou e se tornou senso comum, um tipo específico de concepção antirreligiosa. O texto deste artigo visa refletir sobre a laicidade e como ela é vista pelos grupos que a defendem.

Nestes dois textos publicados na Internet, neste caso na Folha de São Paulo, a noção de laicidade não está definida como a separação do Estado das igrejas, mas como a proibição de expressão religiosa publicamente.



Fig. 1 Oração da seleção brasileira de Vôlei nas olimpíadas de Londres²

²Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/08/liberdade-de-escolha-brasil-e-ouro-em-intolerancia.html>. Acesso em 11/11/1214.

O jornalista André Barcinski³ não pode ser definido como militante neoateu, mas utilizo a sua opinião, que saiu na Folha de São Paulo, no dia 15 de agosto de 2012, como exemplo de discurso de laicidade recorrente:

O Brasil é oficialmente laico desde 1891 e a Constituição prevê a liberdade de religião. Será mesmo? O que aconteceria se alguma jogadora da seleção de vôlei fosse budista? Ou mórmon? Ou umbandista? Ou agnóstica? Ou islâmica? Alguém perguntou a todas as atletas e aos membros da comissão técnica se gostariam de rezar o “Pai Nosso”? Ou será que alguns se sentiram compelidos a participar para não destoar da festa? Será que essas manifestações públicas e encenadas, em vez de propagar o caráter multirreligioso do país, não o estão atrapalhando? [...] A questão não é opção religiosa, mas a liberdade de escolha. Qualquer pessoa pode acreditar no que quiser, contanto que deixe a outra livre para fazer o mesmo. Sem constrangimentos. E não é o que está acontecendo. Liberdade religiosa só existe quando não se mistura religião a nada. Nem à política, nem à educação, nem à ciência e nem ao esporte.⁴

Barcinski critica a manifestação pública de religiosidade. Para o autor, foi um ato de extrema intolerância a espontaneidade do ato. Termos como caráter multirreligioso e opção religiosa diversificada são usados como limitadores da expressividade religiosa. Numa sociedade plural, não é possível expressar a religiosidade? Para o autor não, pois isso feriria a laicidade.

Em outra coluna da Folha Online, Daniel Sottomaior, presidente da instituição de ateus conhecida como ATEA⁵, escreve que a oração da seleção brasileira foi um exemplo de intolerância, a entidade pode ser classificada como neoateísta. Ele escreve:

Sagrado é o direito de se crer em qualquer mitologia e dá-la como verdadeira. Professar uma religião em público também não é crime nenhum, embora costume ser desagradável para quem está em volta. [...] Na prática, a oração se torna uma obrigação que fere a liberdade constitucional de consciência e crença dos jogadores. Além disso, o Comitê Olímpico Brasileiro é financiado por recursos públicos, 2% da arrecadação bruta das loterias federais.⁶

É possível notar, na opinião de Sottomaior, que há um sentimento de repulsa expressado pelo autor, um desconforto para com a manifestação pública de religiosidade. O próprio ainda

³Segundo sua biografia, é formado em Jornalismo no Rio de Janeiro, colaborou com diversos jornais e tem livros publicados, tendo ganhado um prêmio Jabuti na categoria "reportagem", em 1992. Disponível em: <http://livraria.folha.com.br/autor/andre-barcinski/22629> . Acesso em 11/11/1214.

⁴ BARCINSKI, André. O Brasil é ouro em intolerância. Disponível em: <http://andrebarcinski.blogfolha.uol.com.br/2012/08/15/brasil-e-ouro-em-intolerancia/comment-page-12/#comments> . Acesso em 08/09/1212.

⁵ Associação de Ateus e Agnósticos do Brasil.

⁶SOTTOMAIOR, Daniel. Oração da vitória. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/62445-oracao-da-vitoria.shtml>. Acesso em 08/10/1212.

escreve que há um limite para isso e que a atividade em si foi uma atitude sectária. Daniel vai mais longe e declara: “Os problemas começam quando a prática religiosa se torna coercitiva, como é a tradição das religiões abraâmicas.” Para ele, a manifestação religiosa do grupo foi um ato de intolerância religiosa, baseado na tradição de que as próprias tradições abraâmicas já o são. Tal manifestação religiosa não poderia ter acontecido, pois a seleção é patrocinada pelo dinheiro público. Sottomaior continua:

O que os atletas fizeram foi sequestrar aquele privilegiado espaço publicitário, pago com dinheiro de cidadãos brasileiros de todas as crenças e descrenças, para promover atividades sectárias que só beneficiam seus fins particulares, em detrimento de todos os demais cidadãos brasileiros.

Segundo estes dois autores o que a laicidade é? Tudo indica que creem que é um processo de exclusão das manifestações religiosas. Para ambos, a religião, sobretudo de matriz abraâmica, não deveria ser manifestada em público. Porque sua simples manifestação é um ato de intolerância, independente de espontaneidade ou não. Os autores deixam claro que o discurso laico legitima suas ideias. Mas o que é laicidade? Não podemos relacionar tal revolta com a secularização da sociedade atual?

3 A procura do que é laicidade

É preciso lembrar que secularização e laicidade são conceitos diferentes e acontecem de formas diferentes em diversas sociedades. A laicidade é uma referência ao comportamento do Estado com a religião. Laicidade é a separação política da religião com o Estado. Segundo Cesar Ranquetat:

A laicidade é uma noção que possui caráter negativo, restritivo. Sucintamente pode ser compreendida como exclusão ou ausência de religião na esfera pública. A laicidade implica neutralidade do estado em matéria religiosa. Esta neutralidade apresenta dois sentidos diferentes, o primeiro já destacado acima: exclusão da religião do Estado e da esfera pública. Pode-se falar, então, de neutralidade-exclusão. O segundo sentido refere-se à imparcialidade do Estado com respeito às religiões, que resulta da necessidade do Estado em tratar com igualdade as religiões. Trata-se neste caso da neutralidade-imparcialidade [...] (RANQUETAT, 2008, p. 5)

Pode-se perceber que o discurso de laicidade não se aplica ao que aconteceu com a vitória das jogadoras de vôlei em Londres. Apesar do patrocínio público estatal, elas não eram

burocratas ligadas ao Estado, mas patrocinadas pelo mesmo. Ricardo Mariano expõe de outra maneira:

A noção de laicidade, de modo sucinto, recobre especificamente à regulação política, jurídica e institucional das relações entre religião e política, igreja e Estado, em contextos pluralistas. Refere-se, histórica e normativamente, à emancipação do Estado e do ensino público dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa, à neutralidade confessional das instituições políticas e estatais, à autonomia dos poderes político e religioso, à neutralidade do Estado em matéria religiosa (ou a concessão de tratamento estatal isonômico às diferentes agremiações religiosas), à tolerância religiosa e às liberdades de consciência, de religião (incluindo a de escolher não ter religião) e de culto (MARIANO, 2011, p 244)

Neste caso da oração, não se pode declarar que foi um conflito aberto entre laicidade e religião, mas um conflito entre adeptos seculares diante da manifestação da religiosidade brasileira. Podemos perceber uma dose forte de fundamentalismo secular dos agentes que criticaram a manifestação. Entretanto, é preciso pensar como a laicidade se apresenta no Brasil e como ela é vivenciada em outros países. Os brasileiros veem com muita naturalidade as manifestações públicas religiosas, realmente gostam dessa expressividade religiosa, mas ela não é expressa da mesma forma em países da Europa ou Canadá, Austrália e Nova Zelândia, onde o secularismo tem maior força. No mundo pós-iluminista europeu, a religião tornou-se algo de foro íntimo no cotidiano, a ser vivida no particular. Expressá-la publicamente é quase ofensivo para esses adeptos secularizantes, ligados ou não ao ateísmo.

A expressão da religião não desapareceu nessas regiões, mas se tornou alvo de críticas de uma sociedade desencantada. Apesar das aspirações seculares de que a religião desapareceria, ela ainda está muito presente e transformando-se. Apesar da crise das instituições tradicionais do cristianismo e do novo avanço do secularismo (agora sob a forma do neoateísmo, que é uma radicalização secular), elas ainda são muito presentes na sociedade europeia e brasileira. E longe de um final, as religiões, cristãs ou não, mostram que continuam com muita vitalidade, apesar do espaço perdido. O uso do conceito de laicismo, de que a religião não deveria interferir na política, usado contra a manifestação das jogadoras do Vôlei, é, por exacerbação e aversão às manifestações religiosas, um uso inapropriado do termo. Não houve um ataque ao laicismo, no máximo foi uma demonstração de que a secularização tem seus limites, e que há simpatizantes e opositores, mesmo que não saibam que são.

A sociedade que surge após a revolução francesa tinha uma visão idealista de que o homem poderia romper os grilhões fatalistas e transformar o mundo. Essa visão se estabelece no século XIX com a consolidação da sociedade burguesa. O papel de Deus teria sido superado,

pois o homem livre não precisa Dele (SCHELEGEL, 2009, p. 43). Quanto à secularização, esta significa a ruptura entre o religioso e o político, e entre o religioso e outros aspectos da vida cotidiana como economia, cultura, saúde, vida social, etc. - não deveria ser uma opção antirreligiosa, pensamos que a religião perdeu espaço graças às ideias vitoriosas do Iluminismo no Ocidente (SCHELEGEL, 2009, p.46). No entanto, os novos adeptos, principalmente influenciados pela nova onda ateísta, argumentam que as manifestações religiosas deveriam ser extirpadas da vida pública. Para alguns, isso não seria secularização, mas seria “secularismo”, como forma radical de laicização. O secularismo visa suprimir a religião da sociedade (SCHELEGEL, 2009, p. 47). Seja qual for o nome, o secularismo pode ser considerado uma vertente do fundamentalismo.

Segundo o sociólogo Schelegel, “o mundo moderno, é dominado por uma vontade generalizada de ‘racionalização’ segundo ‘meios o esquema para obter um fim’” (SCHELEGEL, 90). A lógica dessa racionalização é que, por exemplo, não há nada mais irracional e inútil do que perder seu tempo rezando/orando para um Ser misterioso e incompreensível – para tais adeptos secularizantes, o rompimento da lógica da racionalização há de ser combatido.



Fig. 2 Seleção brasileira de futebol orando após a Copa das Federações na África do Sul⁷

Parecido com o evento de Londres, a oração do Pai-Nosso da seleção brasileira de futebol na Copa das Confederações da África do Sul, em 2009, também criou indignação. Os jogadores fizeram o mesmo gesto de oração, ajoelhando no meio do campo. O presidente da Federação de Futebol da Dinamarca entrou com uma reclamação na FIFA, afirmando que a

⁷ Blog do Tida. Seleção Brasileira é repreendida por agradecer a Deus. Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/tiba/2009/07/09/selecao-brasileira-e-repreendida-por-agradecer-a-deus/>. Acesso em 02/11/1212.

"religião não tem lugar no futebol".⁸ Gerou diversas controvérsias sobre o espaço das religiões e suas expressões dentro dos eventos esportivos. A posição da FIFA em relação a isso, na época, foi que a oração foi após a partida, mas a entidade a partir de então vem monitorando e punindo qualquer manifestação "durante" os jogos - entretanto, a instituição de futebol acabar acatando uma das particularidades do próprio esporte, ser também uma religião secular. Ora, não permitir que outras se manifestem está mostrando que se tornou uma religião exclusivista e monopolista das aspirações de seus participantes? É uma tendência nos meios esportivos a expulsão das religiões formais dos locais e cerimônias, mas o problema é a persistência da expressão de forma individualizada.

Bem, as manifestações religiosas continuam acontecendo no esporte. Não pararam. Vemos que nos dois artigos de jornal que uso como exemplo, o segundo apresentado é de um autor que podemos classificar como neoateu. O texto de Sottomaior apresenta uma argumentação combativa, mas também muito confusa, em relação ao conceito de laicidade. Neste caso, pode-se classificá-lo como uma posição fundamentalista. Scott Randall Paine, em seu artigo sobre fundamentalismo ateu e fundamentalismo religioso da revista Horizonte, faz um ensaio sobre os fundamentalismos e como eles podem ser tanto religiosos quanto seculares. Como o neoateísmo, que procura vincular todo o conhecimento ao método científico e ignora outros tipos de saberes. O neoateu tende a ignorar qualquer outra metodologia, ignorando convicções morais e estéticas (PAINE, 2010, p.17). Outra tendência fundamentalista do neoateísmo é que a maioria dos neoateus acredita que as religiões são um mal e que desaparecerão com o avanço da ciência extirpando o "Deus das lacunas" (PAINE, 2010, p. 23).

Entretanto, o que aconteceu é que a religiosidade atual está em transformação e não desaparecendo. Apesar das crises, as religiões estão cada vez mais vivas, ocupando outros lugares na sociedade. A reação extremada dos colunistas é característica de uma frustração em relação à presença ainda forte do elemento religioso na sociedade, que não desapareceu como haviam previsto os antigos profetas de seu fim. Então, a exemplo de Paine, o que foi feito nos dois artigos de opinião da Folha de São Paulo foi a criação de uma falácia do espantalho⁹, onde os criadores do artigo interpretaram a realidade ao seu favor buscando um exemplo de

⁸Vídeo: 'Deus seja louvado' permanece nas notas do Real. Disponível em: <http://www.verdadegospel.com/deus-seja-louvado-vai-permanecer-nas-notas-do-real/>. Acesso em 27/03/2013.

⁹Segundo o Guia de falácias, de Stephen Downes, a falácia do espantalho é quando "O argumentador, em vez de atacar o melhor argumento do seu opositor, ataca um argumento diferente, mais fraco ou tendenciosamente interpretado. Infelizmente é uma das 'técnicas' de argumentação mais usadas". Disponível em: <http://www.lemma.ufpr.br/wiki/images/5/5c/Falacias.pdf>. Acesso em 11/11/2014.

intolerância onde não havia. Justificaram que a atitude das jogadoras não respeitou a fé de todas da equipe, mesmo sem provas disso. Segundo Paine: “Talvez a maior e mais manifesta das aberrações que o fundamentalismo produz [...] é o hábito de criar caricaturas do inimigo” (PAINE, 2010, p. 24). São essas caricaturas que impedem a aceitação do diferente e de sua expressão.

A sociologia moderna rompeu com a abordagem reducionista do Iluminismo, que via a religião como ausência de razão (WILLAIME, 2012, p.14). Para Paine, as religiões abraâmicas se baseiam em aceitações intelectuais, pois recorrem a testemunhos de fatos e de informações transmitidas historicamente por testemunhos confiáveis (PAINE, 2010, p.16). Apesar de não serem prováveis, são concepções racionais e fidedignas para os fiéis. Sobre a secularização, Willaime cita Berger, que a define como um processo que retira os setores da sociedade e da cultura das mãos das instituições religiosas. A secularização é política, é institucional e é cultural e pretende à emancipação de toda referência religiosa da sociedade (PAINE, 2010, p. 155). Acaba que o fenômeno da secularização visa uma autonomização do sujeito em relação a todos os critérios sagrados - porém, alguns aceitam mais a secularização não uniforme, outros não. Apesar de o mundo atual ter diminuído a importância política e social da religião, ela está longe de um fim e é muito presente. Contudo, suas manifestações são capazes de desagradar muitos indivíduos que acreditavam, e acreditam, no seu fim.

No caso, a reação intransigente dos fundamentalistas religiosos é também uma reação ao isolamento da religião. Apesar de ainda ser importante, ela acabou perdendo espaço no mundo moderno (PAINE, 2010, p.180). Não permitir que as orientações da racionalidade dominante sejam contestadas, ou mesmo enfrentadas (como o caso das orações em público em eventos esportivos que movimentam colossais somas de dinheiro), causa o mal-estar que sentiram os simpatizantes de um secularismo radical. Ricardo Mariano alerta que os sociólogos não são imunes às disputas ideológicas sobre a definição dos conceitos, como também o sociólogo reproduz preconceitos valorativos entre a religião e os conceitos de laicidade, secularização e secularismo. Nem os sociólogos estão isentos:

Isso ocorre, por exemplo, quando as religiões, as doutrinas e práticas religiosas são analisadas, de modo mais ou menos irrefletido, a partir de categorias como “tradição” (tomada no sentido de algo passadista) e “superstição” ou, em contraste, quando secular e secularização são associados automaticamente com “modernidade”, “racionalidade”, “ciência” e “progresso” (MARIANO, 2011, p. 243).

É uma tendência sempre, graças a nossa cultura pós-iluminista, construir nossas explicações tendo a religião como um sinônimo de atraso. Continua Mariano em suas colocações:

[...] Tal risco se pronuncia, igualmente, pelo fato de que o conceito de secularização (e, em especial, o de laicidade), além de ser polissêmico e de apresentar continuidades com definições religiosas são analisadas, de modo mais ou menos irrefletido, a partir de categorias como “tradição” (tomada no sentido de algo passadista) e “superstição” ou, em contraste, quando secular e secularização são associados automaticamente com “modernidade”, “racionalidade”, “ciência” e “progresso” [...] faz parte do léxico por meio do qual tanto os grupos e ideologias secularistas quanto os seus adversários religiosos terçam armas, mobilizam estratégias de luta e lhe atribuem novos valores e sentidos, em meio a disputas culturais e políticas das quais os cientistas sociais da religião e suas análises dificilmente escapam incólumes. (MARIANO, 2011, p. 243)

O conceito de modernidade foi muito usado neste artigo de Mariano, mas no sentido de estabelecer um tempo histórico, não como uma opção valorativa como fazem muitos que estudam Religião e Estado laico, que tendem a tomar partido, quase sempre classificando a religião de forma negativa. Como explica Mariano, é certo que continuar a declarar que a religião está ao lado somente da tradição e da superstição faz diminuir ou impedir a compreensão dos fenômenos religiosos - às vezes essas posições esbarram em um reducionismo.

Conclusão

O Brasil passou, e passa, por vários questionamentos seculares nos últimos anos. Vivemos num país que na constituição valoriza e defende o Estado laico, mas ao mesmo tempo cita Deus no preâmbulo. Lembrando que a constituição foi construída perante diversos interesses por vezes conflitantes. Numa democracia, deveria haver um equilíbrio de forças, que se estabelecem diante de negociações. Porém, os questionamentos continuam, como o processo movido pelo procurador da república Jefferson Aparecido Dias contra o “Deus seja louvado” nas cédulas de real. O questionamento do procurador era que tal expressão fere o Estado laico. Nas redes sociais, podíamos ver diversos posicionamentos contra e a favor da expressão, mas pouca discussão sobre o sentido de laicidade na sociedade brasileira. A ação foi julgada improcedente.¹⁰

¹⁰ FIFA quer proibir orações no mundial da África. Disponível em: <http://wmblog.blogspot.com.br/2009/08/fifa-quer-proibir-oracoes-no-mundial-da.html> . Acesso em 08/09/1212.

No ano de 2014, na campanha presidencial, temas como direitos sexuais e Estado laico estiveram muito presentes na primeira fase da campanha, muitas vezes alavancados por partidos pequenos e pouco representativos. Foram muitos ouvidos no primeiro turno das eleições. Mesmo assim, a defesa deles não representou um aumento significativo de votos para esses partidos¹¹. No segundo turno da eleição presidencial, os temas praticamente desapareceram do debate, já que os partidos pequenos estavam fora da disputa. Todavia, nas redes sociais e na mídia tradicional, os temas foram e continuam a ser virulentamente discutidos.

Esses interesses conflituosos são próprios de uma democracia em que a vontade da maioria não é a da minoria e vice-versa. Com o surgimento da internet, na década de 90, e com a proliferação da *WEB 2.0* nos últimos anos, com a ampliação da internet via cabo oferecida por empresas de telefonia e televisão, a interação tornou-se maior. Também na primeira década do século XXI, os computadores pessoais e *smartphones* tornaram-se populares devido a facilidade de crédito para comprá-los. Aumentou muito o acesso à Internet no país. Os conflitos antirreligiosos não são somente nas ruas, mas dentro do espaço virtual. Uma batalha pela formação da identidade dos brasileiros, principalmente os mais jovens. Então, o posicionamento dos dois colunistas, Sottomaior e Barcinski, exemplificam que o conceito de laicidade pode parecer dúbio por causa da intolerância à manifestação religiosa. Demonstrar-la publicamente não significa que esse sentido de público é o mesmo que espaço público do Estado, coisas que os dois colunistas confundem.

Finalizando, na sociedade brasileira, percebemos que há diversas forças, mas muito pouco se fala ou se escreve sobre os elementos antirreligiosos e quais atores sociais protagonizam essas lutas. Não são tão invisíveis, mas aparentemente poucos percebem sua presença. Esses grupos acabam usando um conceito de laicidade pouco científico, muito baseado no senso comum, que no calor da paixão acaba virando argumento antirreligioso. Esse argumento é que a manifestação religiosa, em qualquer lugar, é uma manifestação de intolerância, ainda mais se tiverem uma visibilidade nas mídias modernas. Entretanto, na época da Olimpíada de Londres, na festa de encerramento a comissão brasileira levantou a cantora Marisa Monte representando Iemanjá e, estranhamente, nenhum jornalista ou alguém ligado ao movimento ateu brasileiro gritou: Estado laico! Na verdade, não vemos uma defesa da laicidade e sim um secularismo radical, uma espécie de laicismo. Orar ou não em público não fere a laicidade, ainda mais se ela é feita fora das instituições geridas pelo Estado. Contudo,

¹¹ Vale ressaltar que o deputado Jean Wyllys, ex-BBB, conseguiu uma votação expressiva no estado do Rio de Janeiro defendendo tais temas. Eleito pelo coeficiente partidário na primeira disputa conseguiu um aumento expressivo de votos na segunda com 144.770 votos, onze vezes maior do que a votação de 2010.

esportistas, mesmo que patrocinados pelo Estado, têm direito de expressar sua espiritualidade. É uma linha tênue entre a liberdade religiosa e a satisfação dos diversos atores sociais brasileiros.

Referências

- BARCINSKI, André. O Brasil é ouro em intolerância. Disponível em: <http://andrebarcinski.blogfolha.uol.com.br/2012/08/15/brasil-e-ouro-em-intolerancia/comment-page-12/#comments>. Acesso em 08/09/2012.
- BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, ISER, v. 21, n. 1, p. 9-23, abr. 2001.
- FRANCO, Clarissa de. *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. 2014. 233f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Revista Civitas*. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, maio/ago. 2011.
- PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. In: Dossiê: Neoteísmo: Questões e Desafios. Belo Horizonte, *Horizonte*, v. 8, n. 18, p. 9-26, jul./set. 2010.
- RANQUETAT, Cesar. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos. Santa Maria, *Revista Sociais e Humanas*, v. 21, n. 1. pp. 53-66, jan/junho 2008.
- SCHILEGEL, Jean Louis. *A lei de Deus contra a liberdade dos homens*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- SOTTOMAIOR, Daniel. Oração da vitória. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/62445-oracao-da-vitoria.shtml>. Acesso em 08/10/2012.
- WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo, Editora UNESP, 2012..